

Laudirege (à esquerda) e seus colegas da Uneal (em sentido horário) Wellyngton, Lucicleide, Débora, Lúcio, Cristina e Angela são alunos do Dinter oferecido pelo PPGEdU



Cooperação para o desenvolvimento regional

Ao ingressar no doutorado, no início deste ano, Laudirege Fernandes Lima trazia na bagagem 32 anos de atuação na educação básica, da qual já se aposentou, e 14 anos de docência no ensino superior. A última vez em que tinha estado na posição de aluna foi em 2009, quando defendeu seu mestrado.

Professora da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) desde 2004, ela e outros 16 colegas de instituição integram uma turma de Doutorado Interinstitucional (Dinter) oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da UFRGS. Trata-se de um projeto aprovado em edital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para a abertura de turmas de mestrado ou doutorado conduzidas por programa de pós-graduação com nota igual ou superior a 5 junto

a uma instituição receptora localizada em regiões, no território brasileiro ou no exterior, afastadas de centros consolidados em ensino e pesquisa.

Com isso, espera-se viabilizar a formação de quadros de docentes, subsidiar a formação e o fortalecimento de grupos de pesquisa – com temas que respondam a necessidades regionais e ampliem o comprometimento institucional com o desenvolvimento da região – e estabelecer as condições para a criação de novos cursos de pós-graduação.

O Dinter oferecido pelo PPGEdU, no entanto, não é um caso isolado na UFRGS. O PPG em História iniciou, também neste ano, uma oferta de doutorado junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Além desses, nos últimos dez anos, de acordo com a Pró-reitoria de Pós-gra-

duação, foram executados por PPGs da Universidade 17 projetos de Dinter e sete de Mestrado Interinstitucional (Minter).

Ainda que levem em consideração as regras impostas pelo edital da Capes, como o oferecimento de disciplinas na instituição receptora, cada projeto tem características próprias, nasce por iniciativas e demandas diversas e leva a desdobramentos tanto para a unidade promotora como para a receptora. No caso da Uneal, por exemplo, o objetivo é que, após concluírem o doutorado, Laudirege e seus colegas estruturem um curso de mestrado que proporcione à população do interior do estado de Alagoas a possibilidade de também crescer academicamente e que fomente pesquisas sobre a realidade da região, favorecendo seu desenvolvimento.

Amplificados pela i

Numa tarde ensolarada de primavera, encontro parte do grupo de professores da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). Sentamos em roda em bancos debaixo de árvores num recanto do câmpus Centro. O papo flui animado, cheio de um sabor melódico recheado de “Ôxes” que chegam aos meus ouvidos marcando o sotaque de meus interlocutores. À medida que avançamos no assunto da entrevista, fico cada vez mais convencido do grau de engajamento que esses docentes demonstram ao abraçar a oportunidade de fazerem o doutorado no PPGEduc e do seu comprometimento com a instituição que integram.

Reverberou em minha memória a conversa que havia tido dias antes com Fabiana de Amorim Marcello, professora da Faculdade de Educação (Faced) e coordenadora do Dinter ao lado do professor Cristiano Gomes da Silva, da Uneal. Naquela ocasião, ela me contava que os docentes do PPG, ao voltarem de Maceió – onde ministravam disciplinas condensadas de uma semana durante o primeiro semestre deste ano –, se mostravam contentes com o forte envolvimento dos alunos. “Eles leem tudo, inclusive os textos complementares”, espantava-se.

Segundo ela, essa sede de leitura, além do interesse genuíno, também poderia ser entendida pelo fato de a maioria deles terem defendido o mestrado há ao menos cinco anos: “Pararam de estudar para trabalhar com uma carga grande de aulas em diferentes cidades de Alagoas. Agora voltaram a se dedicar integralmente aos estudos e estão podendo ler muito e se apropriar de teorias”.

Aposta – De volta à roda, escuto: “Temos uma responsabilidade muito grande, pois estamos sendo liberados pela nossa universidade para virmos aqui nos qualificar, trocar experiências com a UFRGS para construir nosso modelo de pós-graduação”. O comentário é de Wellyngton Monteiro da Silva, amparado pelo grupo. Ele atua em cursos de licenciatura e veio pesquisar políticas de formação continuada de professores de Matemática. Perfil comum nas ofertas de Dinter, ele concluiu o mestrado há 13 anos, tempo que coincide com sua entrada na Uneal, na qual trabalha como docente desde então.

Wellyngton diz que a presença do grupo na UFRGS – onde permanecerá por três semestres – é uma aposta da universidade e um esforço muito grande: “Quando estávamos lá, já havia carência de professores. Saíram 17 e as carências aumentaram. Diferentemente da realidade das federais, que podem afastar um professor e contratar um substituto,

na Uneal não podemos fazer isso, pois na legislação estadual não existe a figura do professor substituto. Os nossos colegas é que estão nos substituindo de algum jeito, se articulando internamente para garantir as aulas; em alguns casos, postergamos nossas disciplinas para quando retornarmos”.

Valorização docente – Nalú Farenzena, professora da Faced e orientadora de Wellyngton, acredita que a pesquisa com políticas de formação continuada de docentes poderá contribuir para a reflexão sobre suas condições de valorização e profissionalização em contextos locais. Para ela, o período de imersão nas atividades do PPGEduc – cursando disciplinas regulares, tendo orientação presencial e participando dos grupos de pesquisa – proporciona um aprendizado para os professores e os demais alunos do programa: “É uma oportunidade ímpar de enriquecimento mútuo que se dá na relação entre pessoas que vivem em ambientes diferentes e que se propõem de fato a dialogar”.

Durante nossa conversa, Fabiana dizia acreditar que a troca de experiências não é uma balela, mas algo concreto: “Os alunos nos apresentam realidades completamente distintas daquela, tão cômoda, a que estamos acostumados. Eles exigem que a gente repense as nossas próprias experiências e discussões. Isso é marcante em se tratando de uma região com universos acadêmicos desconhecidos para nós. Uma das riquezas nessa parceria é que esses alunos vão nos permitir pensar e discutir um campo empírico que não imaginamos como é que se constitui”. Para ficar em um exemplo, sua orientanda do Dinter irá conduzir uma pesquisa com crianças de uma comunidade quilombola do sertão de Alagoas, o que, segundo Fabiana, poderá chacoalhar as discussões teóricas que realiza, já que são crianças com experiências distintas do campo que habitualmente acessa: a periferia de Porto Alegre.

Concluindo o argumento, a coordenadora chamou atenção para o fato de que em Alagoas só existe um doutorado em Educação. Em contraste, para se ter uma ideia, apenas na Grande Porto Alegre há ao menos seis programas. Isso implica em que a discussão sobre a realidade daquele estado seja escassa, já que há pouca pesquisa acontecendo.

Dinter – Em 2015, o PPGEduc abriu uma chamada para universidades que quisessem se candidatar a organizar em conjunto um doutorado interinstitucional. No final daquele



ano foi selecionada a Uneal, a qual tinha, na época, apenas um quinto de seu quadro docente formado por doutores. A aprovação do projeto na Capes veio em outubro de 2016 e a seleção dos 17 alunos aconteceu entre janeiro e março deste ano.

Segundo Fabiana, “a Uneal é estratégica porque atua, sobretudo, no interior do estado, uma região onde há muita carência de formação. Então, vemos uma relevância política e social nesse Dinter”. Mais tarde, quando encontrei os professores alagoanos, eles me reafirmaram que o diferencial de sua universidade é o fato de ter uma grande capilaridade no interior de Alagoas, diferentemente da outra estadual (voltada à área da saúde) e da federal.

Histórico – Inaugurada há 47 anos como Fundação Educacional do Agreste Alagoano, a Uneal existe como universidade desde 2006 e conta com seis câmpus e cerca de 250 professores. Destacam-se os cursos da área de Educação, concentrando-se nas licenciaturas. Além disso, também oferece graduação em Administração, Contabilidade, Zootecnia e Direito.

Lúcio Izidro da Silva, um dos alu-

nos do Dinter, foi responsável pela implementação do curso de Direito nos câmpus de Arapiraca e Maceió. Com formação exclusivamente na área jurídica até o mestrado, em sua tese pretende abordar o tema

“É maravilhoso a gente vir, com a nossa bagagem, fazer essa imersão e colher experiências daqui”

Débora Ramos Costa

de gênero e sexualidade no campo da violência, fazendo a ligação entre educação, violência e direito penal e discutir isso também nos direitos humanos. Sua orientadora, Jane Felipe de Souza, compõe o grupo de professores do PPGEduc escalados para o Dinter, seguindo o critério de se ter a maior diversidade possível

de linhas de pesquisa.

Se, em geral, no Dinter os alunos ficam no máximo um semestre na instituição sede, o projeto com a Uneal se distingue por prever uma estadia de três semestres – após a primeira etapa, já realizada, com nove disciplinas obrigatórias, ministradas em uma semana, em Maceió. Para o deslocamento, neste semestre eles contam com uma bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas. Na primeira metade de 2018 não terão bolsa, mantendo apenas os rendimentos regulares de docente afastado, que tendem a ser limitados frente ao custo de vida em Porto Alegre. No segundo semestre receberão bolsa da Capes.

Além da formação dos 17 professores, o principal objetivo do Dinter é a estruturação de um mestrado em Educação na Uneal, para proporcionar ao interior do estado a possibilidade de também crescer academicamente, atendendo uma região que ainda é deficitária de mestres. Angela Araújo Leite, professora na licenciatura em Geografia aponta que, atualmente, a universidade oferece apenas um curso de mestrado – em desenvolvimento regional –

Imersão



Wellyngton participa de reunião do grupo de pesquisa coordenado por sua orientadora, Nalú Farenzena

fundado há dois anos. Ela comenta que Alagoas teve crescimento tardio da pós-graduação. “O curso de Geografia da UFAL, que já tem cerca de 50 anos, apenas recentemente implantou um mestrado”, relata. Sua colega Laudirege acrescenta que o que mais se criticava na Uneal, quando ainda era uma fundação, é que era um escolão de ensino médio, porque a pesquisa e a extensão eram extremamente insipientes.

Com pesquisa ligada à educação escolar indígena, Angela pretende levar para sua instituição a experiência com a política de cotas vigente na UFRGS. Já Lucicleide da Silva, também da área da Geografia, e com tese filiada à linha de tecnologias, tem a intenção de promover a educação a distância na Uneal.

Recompensas – O ar quase frio de primavera tão diferente do clima alagoano me leva a uma próxima pergunta a meus interlocutores, com os quais sigo conversando sob algumas árvores do campus Centro. Quero saber por que acreditam ser recompensador se exporem a essa carga emocional, pessoal e financeira de se deslocarem para a UFRGS, no longínquo estado ao

sul do Brasil e ficarem tão longe de suas famílias.

Laudirege diz que a maior vantagem de fazer o doutorado pelo Dinter é a interação e troca de experiências. Débora Ramos Costa, que atua nas áreas de Geografia e Pedagogia em Arapiraca e trouxe junto a filha de 6 anos para Porto Alegre, destaca o fato de o PPGEduc ter conceito 6 e ser um grande centro que espalha doutores para todo o mundo. “É maravilhoso a gente vir, com a nossa bagagem, fazer essa imersão, colher experiências daqui, estar fora do estado”, comemora.

O grupo concorda que na UFAL, onde a maioria fez o mestrado, tudo é muito similar. Aqui encontram uma grande diferença. “Na minha área de estudo, em relação à questão indígena”, entusiasma-se Angela, “existe um contraste muito grande na discussão teórica. Na UFRGS, há um aprofundamento muito grande de teóricos latino-americanos. Quer dizer, vai ser muito importante levar esse debate para o Nordeste. A prevalência de teóricos europeus ou norte-americanos é muito forte lá. Eu tenho amado trabalhar com Kusch, América profunda, uma cultura nossa”.

Reflexos no norte de Minas

Após ter uma turma de nove docentes formada em um doutorado interinstitucional ofertado pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS, o conteúdo de sala de aula e as reuniões de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) foram se modificando.

João Armando Dessimon Machado, professor do PGDR e coordenador do Dinter ocorrido entre 2009 e 2013, entende que a repercussão do curso foi extremamente positiva: “Antes, por exemplo, naquela região só se falava que para melhorar a situação do produtor era preciso novas técnicas de produção. Agora, também buscam entender a lógica do produtor, saber sobre sua tomada de decisões, sobre os canais de comercialização e as possibilidades em termos econômicos, sociais e ambientais da região. Enfim, falam-se coisas sobre o guarda-chuva de desenvolvimento rural de que não se falava antes”.

Maria Aparecida Mendes, egressa do doutorado, concorda que – após um período inicial de resistência e estranhamento por parte de professores e alunos – as repercussões foram as melhores. “O Dinter representou um marco, uma oportunidade ímpar para o Instituto, pois a meu ver abriu perspectivas importantes e fortaleceu ações de pesquisa, ensino e extensão”.

“Todos os egressos continuam a contribuir com as políticas do instituto, uns na pesquisa, outros na extensão e todos no ensino”, ressalta a docente, que já acumula uma bagagem de 23 anos de carreira na área de Pedagogia ao ingressar no doutorado. Atualmente, ela coordena um curso lato sensu de formação de professores, trabalha no Laboratório de Ensino da Educação do Campo e integra o corpo docente do mestrado profissional em Educação profissional e tecnológica que acaba de ser credenciado.

Cooperação – A demanda pelo desenvolvimento de pesquisa local tornava premente o aumento do quadro de doutores da instituição. Por indicação de uma professora que conhecia a UFRGS, a equipe do IFNMG – criado em 2008 pela integração do Centro Federal de

Educação Tecnológica de Januária e da Escola Agrotécnica Federal de Salinas – procurou a coordenação do PGDR para construir em conjunto um Dinter. A aposta era de que o programa atenderia às necessidades do Instituto por ser multidisciplinar e poder, assim, receber como alunos professores de diferentes áreas.

Aprovado o projeto, os docentes da Universidade, de forma intercalada, foram até Minas ministrar disciplinas de uma semana. Já os alunos estiveram em Porto Alegre por três períodos de três meses para acompanhar a rotina do PGDR. Ao todo, os estudantes ficaram afastados das atividades apenas durante essas estadias.

Repercussões – João Carneiro Filho, outro egresso do curso, conta que o esforço de conciliar o doutorado com suas atividades regulares trouxe impactos positivos a sua carreira, que já soma mais de 35 anos, principalmente com relação a novos conhecimentos adquiridos e à progressão de nível. Ele optou pela oferta do Dinter pela maior facilidade de cursar as disciplinas em períodos agendados.

Morada de Montes Claros, Maria Aparecida conta que escolheu fazer o doutorado oferecido pelo PGDR porque, na época, o programa mais próximo ficava em Belo Horizonte. “Na verdade, até hoje temos muita dificuldade para prosseguir a formação continuada no nível stricto sensu na região”, acrescenta.

Questionada sobre o que mais aproveitou dos momentos de imersão no PGDR, ela retruca que tirou proveito de tudo: “desde as aulas e os eventos científicos até a convivência com pessoas e espaços completamente diferentes da minha realidade”.

No percurso contrário também há benefícios, segundo o professor João Dessimon. “Se por um lado eles acessam nossa experiência de pesquisa, nós ganhamos ao entrar em contato com uma região desconhecida, pois fomos dar aula e conhecer o campo de pesquisa dos orientandos. Eu mesmo tive a oportunidade de conversar com produtores locais e conhecer a infraestrutura de laboratórios e equipamentos do IFNMG. Ganhamos ao ampliar o conhecimento prático de outras realidades”, conclui.

Conexão internacional

Como integrante da comissão de pesquisa e pós-graduação da faculdade de Odontologia da Universidad de la República (UdelaR), do Uruguai, Verónica Beovide explica que ter um grupo de docentes habilitados em pesquisa, área até pouco tempo carente na instituição, fortalece o desenvolvimento científico e acadêmico. Professora titular da cátedra de Anatomia Patológica, atuando na universidade desde 1987, ela concluiu o mestrado em 2013 no PPG em Odontologia da UFRGS e, junto com alguns colegas, seguiu para o doutorado no mesmo programa – atualmente cursam o terceiro ano. Para ela, a experiência tem repercussões duradouras para: dirigir a cátedra, participar de pesquisas, orientar alunos de mestrado e coordenar cursos de pós-graduação.

A possibilidade de formação de uma turma de mestrado começou por iniciativa da UdelaR. Firmado o convênio, em 2011, 16 docentes uruguaios de diferentes disciplinas iniciaram o mestrado no PPGodo da UFRGS. Cassiano Rösing, coordenador do programa, explica que quando projetaram a cooperação, a ideia era estruturar um Mestrado Interinstitucional (Minter). O edital da Capes, no entanto, estava fechado. Por recomendação da própria agência, fizeram um convênio próximo ao que seria um Minter, sendo o aporte de verbas feito pela instituição uruguia.

“Eu não tenho dúvida de que transformamos a situação da pesquisa na UdelaR”,

entusiasma-se Cassiano. Ele revela que, após se tornarem mestres, em 2013, os integrantes da turma já puderam constituir um curso de mestrado em sua instituição. Inclusive, alguns professores do PPGodo dão aulas lá como docentes convidados. “Isso traz um retorno, pois o profissional está, assim, fazendo um esforço de internacionalização, propagando sua pesquisa e suas ideias para mais formadores de recursos humanos.”

Para fomentar de forma efetiva o desenvolvimento científico das instituições parceiras, uma das estratégias utilizadas, informa o coordenador, é desenvolver, na maior parte dos trabalhos, pesquisas que os egressos poderão continuar em seus países de origem, usando, por exemplo, bancos de dados locais. “A ideia é que compreendam a viabilidade de seguir a pesquisa futuramente. Não adianta eles usarem nossos laboratórios e, quando retornam, não terem como seguir o trabalho por falta de estrutura – que é o que aconteceu com muita gente que foi fazer o doutorado fora do Brasil nas décadas de 1970 e 1980”, salienta.

Desdobramentos – Ernesto Andrade Divenuto, professor de Periodontia da UdelaR desde 2006, é um dos mestres que seguiu para o doutorado. Sua motivação, explica, foi ampliar o vínculo com pesquisadores, além de perseguir um crescimento acadêmico, que o credencia

a participar de editais da UdelaR e de agências de fomento à pesquisa.

Para realizar disciplinas, ele vem a Porto Alegre nos meses de janeiro e julho. Eventualmente, também faz a viagem de 12 horas de ônibus para se reunir com o orientador. As passagens e hospedagens são custeadas por sua universidade. “A instituição faz um aporte fundamental para nós”, considera.

Essa sistemática flexibilizada, que possibilita aos docentes cursar o doutorado aqui sem interromper suas atividades regulares, segundo Cassiano, é repercussão direta do aprendizado construído a partir do projeto inicial com a UdelaR. “Na evolução dessa experiência, fizemos convênios com outras universidades, já com moldes diferentes de um Minter ou Dinter. Os participantes são considerados alunos regulares do programa, fazem algumas atividades aqui e nossos professores vão até a instituição ministrar disciplinas condensadas. Isso sem aporte de recursos financeiros: os alunos usam recursos da sua universidade para a realização da pesquisa”, explica o coordenador.

Atualmente, há em formação no PPGodo docentes de instituições do Chile, Peru e Equador – no caso específico da Universidade de Talca, no Chile, estuda-se a possibilidade de cotutela, quando há titulação simultânea em dois países. Dentre os cerca de 300 estudantes do programa, em torno de 50 são provenientes dos convênios. A seleção destes é feita

localmente por cada universidade, que define suas prioridades de formação.

Cassiano informa que alunos do programa que vivem em Porto Alegre também podem optar por cursar as disciplinas condensadas, que são oferecidas regularmente. “Até porque”, acrescenta, “há estudantes que não têm dedicação exclusiva e precisam trabalhar”. De fato, essa flexibilidade está, segundo ele, alinhada com uma convicção do programa: “temos claro que pós-graduação é trajetória individual que ao final tem que gerar conhecimento e produção bibliográfica”.

Dentro desse quadro, a cooperação também ocorre com universidades brasileiras, como é o caso de três docentes da Universidade do Estado do Amazonas. Diferentemente dos estrangeiros, no entanto, elas vêm com mais frequência a Porto Alegre, até porque podem se afastar durante o semestre.

Pantelis Rados, professor da Faculdade de Odontologia e orientador de Verónica, considera que esse modelo de formação que consegue acolher alunos de outros países qualifica o PPG entre outras razões, porque as linhas de pesquisa do programa são levadas para a universidade de origem dos docentes, o que amplia a rede de internacionalização da produção. A solidariedade no eixo Sul-Sul também contribuiu diretamente para o conceito 6 obtido pelo PPG.

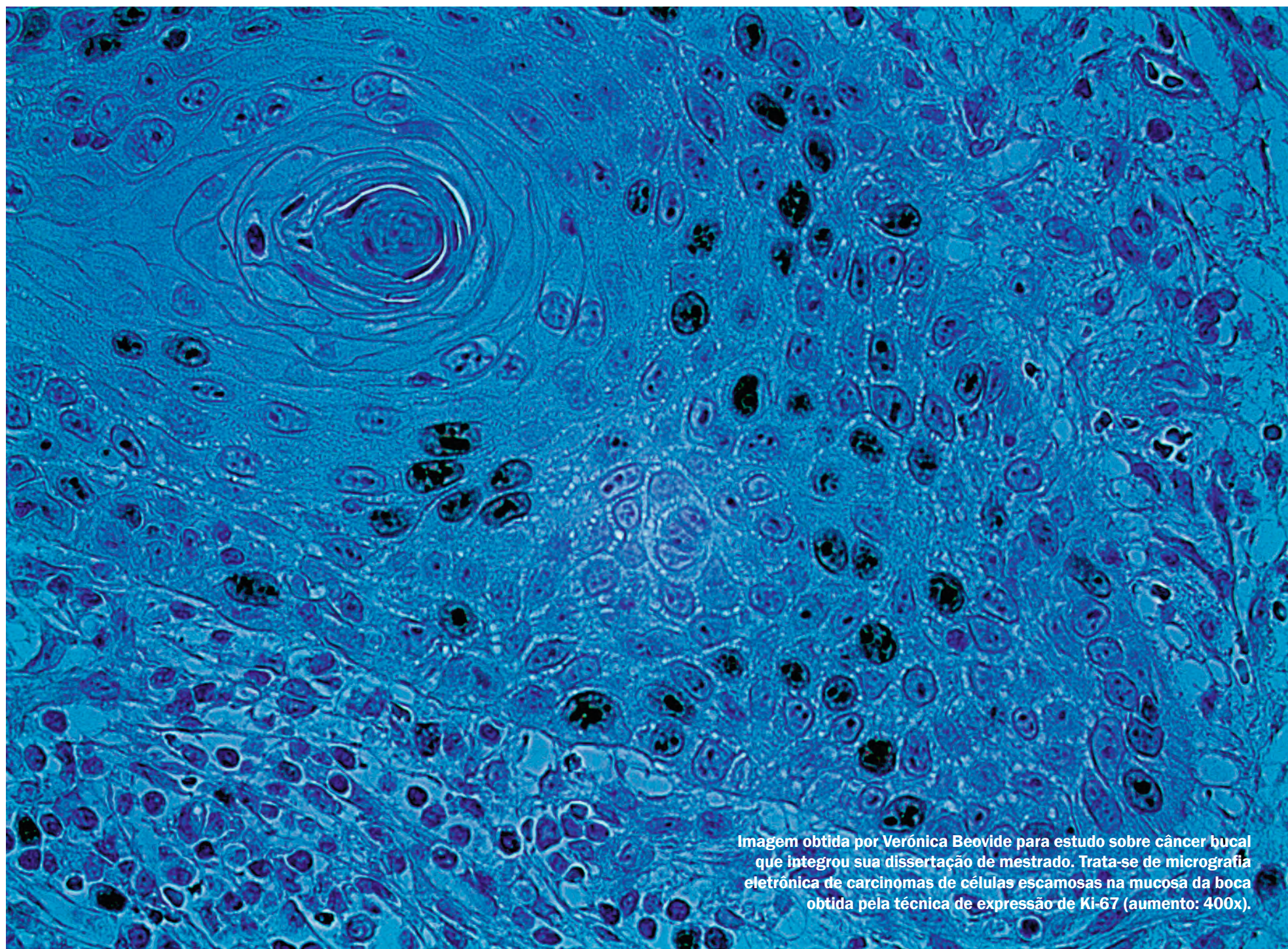


Imagem obtida por Verónica Beovide para estudo sobre câncer bucal que integrou sua dissertação de mestrado. Trata-se de micrografia eletrônica de carcinomas de células escamosas na mucosa da boca obtida pela técnica de expressão de Ki-67 (aumento: 400x).